Grenoble premia os filmes curtos

NOVAIS TEIXEIRA
Enviado especial

GRENOBLE (via "Air-France") — O filme de pequenas dimensões continua arrastando a vida dura de um filho bastardo da produção cinematografica. Classificam-se nessa categoria os curta-metragens, documentarios e filmes de animação. E nada nos diz que se possa libertar tão cedo de tal condição dificil. De má aceitação no "mercado do filme", só a ajuda do Estado podia tirá-lo desse beco sem saida. Bastava que as chamadas instancias oficiais se compenetrassem do valor cultural que eles realmente têm. Por outra parte, plataforma experimental para empreendimentos de mais alta e custosa envergadura, vai fugindo pouco a pouco à ambição de jovens com talento e poucos recursos que se iam revelando assim nos primeiros passos de sua carreira cinematografica. Foi o curta-metragem que revelou ao mundo o talento de um Polanski, por exemplo, e citamos apenas esse pois que nos parece o caso mais patente e significativo. Começou por Tours — premio pobre premio — o conhecido cineasta polonês para chegar a Hollywood e ser hoje um dos homens mais disputados pela grande produção do cinema universal.

Existe em alguns paises a obrigatoriedade oficial da projeção de filmes de pequenas dimensões nos circuitos normais de distribuição, mas, na pratica, esse "apoio" do Estado se traduz em letra morta. Há também outras ajudas em dinheiro de varios Centros Oficiais de Cinema, mas estão tão viciadas na realidade que a todos ajudam menos aos fins a que se destinam. Que fazer, pois, com a pequena-metragem? Esperar aqueles acasos providenciais que escapam em geral aos bons olhos da Providencia.

O "Festival de Tours", que foi uma das manifestações internacionais de maior alcance para o desenvolvimento do curta-metragem, teve este ano que abandonar a antiga capital da Touraine para se instalar em Grenoble. A cidade dos "Jogos Olimpicos" será doravante também a cidade do cinema. O maire de Tours, um desses moralizadores bem temperados nas velhas forjas dos seculos passados, pretendem ter sua palavra a dizer na seleção dos filmes destinados ao Festival, mas os organizadores do certame recusaram terminantemente essa interferencia de tipo municipal. Diante da intransigencia do maire e do fato consumado, várias cidades da França disputaram a honra de dar guarida à liberdade de expressão. Grenoble foi a preferida. E assim nasceu o "Primeiro Festival Nacional e Internacional do filme de pequena-metragem", titulo oficial da manifestação.

*

Festival nacional e internacional. 33 filmes franceses e 62 estrangeiros. Entre estes, dois brasileiros (grupo Farkas) dos 19 que constituem o levantamento etnografico do Nordeste, Casa de Farinha, de Geraldo Sarno, e A mão do homem, de Paulo Gil Soares, sobre a farinha de mandioca e o artesanato do couro, respectivamente. Duas peças etnograficas no contexto social que lhes corresponde, de madura tecnica, dirigidas com sensibilidade e visão percuciente. Obtiveram, apenas, aplausos de estima. A assistencia, criticos nacionais e estrangeiros na sua quase totalidade, viu-os como simples documentarios de um mundo folclorico mais ou menos ignorado, com percepção simplesmente epidermica, se queremos, graças ao que tem espalhado na Europa a gente do "Cinema Novo". Raras foram as exceções que viram mais além! A maioria nada viu além do que... viu, apesar das transparencias que os filmes lhes oferecem com gravidade, inteligencia e generosidade. Faltou o condão das consciencias humanas abertas aos cinco sentidos!!

Entre os 28 criticos reunidos para conferir o "Premio da Critica Internacional", o Brasil obteve três votos, dois para o filme de Sarno e outro para o de Gil Soares. Nenhum deles foi o nosso, não porque não o merecessem, mas não é de nosso habito gastar fogo com causas perdidas. Que vá, pois, a honra completa para os três votantes munidos do tal instrumento de consciencia!

Não aconselhamos, por isso, aos cineastas da Etnografia Brasileira que desistam do "além fronteiras", sem excluir a Europa, cujos meios culturais as melhores tradições e mais desenvolvidos são bem refratarios a entender as coisas simples das gentes mais simples. Essa especie de subdesenvolvimento costuma dar-se, com efeito, nos centros mais desenvolvidos. Mas são estes, infelizmente, que nos lançam ao mundo. No entanto, convém insistir! O caminho da safra será penoso e longo, mas será uma safra farta. E não se esqueça, sobretudo, que abrir os olhos dos amigos é tarefa mais ardua que a dos que não o são. Os nobres empreendimentos culturais a que se consagraram, pelo cinema, os etnografos do Nordeste obrigam a tais hipoteses, duras, sem duvida, mas compensadoras a longo prazo, se houver paciencia e dinheiro para lá chegarmos.

Reflexos no caminho comercial? Ai nosso pessimismo é maior. São filmes de Historia e não de historias e, portanto, de dificil acesso aos circuitos comerciais. Mas resta ainda um caminho fertil, o das Cinematecas e Cine-Clubes, em plena atividade nos paises da America Latina. Sem pensar nos Museus Etnografos para o fundo dos quais estão mais que indicados os filmes do grupo Farkas.

Tours, quer dizer, Grenoble, voltou aos Premios. Quatro de dez mil francos para cada vencedor. Três foram para a França, o ultimo para a Belgica. Filmes franceses contemplados: A Batalha dos dez Milhões, de Chris Marker, rodado em Cuba. Fidel mobilizou os cubanos para a batalha dos dez milhões de toneladas de açucar. Foi uma batalha economica perdida. Em seu discurso autocritico de 26 de julho de 1970, Fidel Castro entoa um "mea culpa" da Cuba Comunista num tom clericaco de profunda comoção e que o genio da lingua castelhana dá ensejo e nobreza e Fidel certas toadas declamatorias de gosto "lorquiano". Grenobre premiou um discurso e não um filme.

Outro filme francês laureado foi Le Soulévement de la vie, de Maurice Clavel, jornalista, escritor, figura da Resistencia Francesa, que agora se propôs lutar "A Armas Iguais", assim se chama a emissão, na tela da Televisão de Paris, precisamente com o maire de Tours. Clavel situa-se na extrema-esquerda de certa intelectualidade européia em que Mao não se reconhece e, ainda menos, a ortodoxia dos comunistas moscovitas. E' um homem disponivel para todas as generosidades incontroladas, transposição neste fim do Século XX dum anarquista veemente dos meados do século passado. E' um homem culto e brilhante, mas o espirito é o mesmo. O filme precedeu na tela o que devia ser a justa polemica entre dois homens antipodas em pensamento politico. Mas não chegou a abrir-se o fogo dos contendores por desistencia do escritor. Tendo-lhe sido suprimida uma palavra no comentario do filme negou-se a prosseguir a emissão em nome da liberdade de expressão. Filme vistoso, com força de impacto, foi revisionado pelo celebre comentarista holandês Joris Ivens. Mas o que se premiou, em ultima analise, foi um gesto politico e não um filme.

O terceiro filme francês premiado foi Delicieuse Catastrophe, de Piptr Kamler, cinema de animação, de pesquisa, muito bem vestido, de imaginação geometrica, cores delicadas, esmerada confeção, mas totalmente gratuito.

A Belgica, que apresentou com a Polonia uma das duas melhores seleções do programa, viu premiado seu filme mais discutivel, Le Rouge, le Rouge et le Rouge, de Jean-Jacques Andrieu, uma frivolidade toda de vermelho vestida, de bom estilo e superficial argumento. A Polonia ficou fora do "quadro de honra". E' incompreensivel, dada muito especialmente a fragilidade da seleção francesa, que foi a mais premiada do Festival.

Dois jurados franceses, Clire Etachrelli, romancista, e Georges Roquier, cineasta; um hungaro, Miklos Janeso, cineasta; um canadense, Raymond Schroder, correspondente do Die Welt, em Paris. Por que tal deferencia para com a França que apresentou a menos valiosa e a mais desigual das seleções nacionais? Ato de cortesia para com o país que nos acolhe? E' gentil, mas nada tem que ver com o ato de julgar filmes.

Grenoble, cidade novata em competições cinematograficas, teve neste seu primeiro Festival uma organização perfeita, graças, sobretudo, às mãos peritas dos organizadores do Festival de Tours que se transferiram para aqui.

Consistia o "Premio da Critica Internacional" em 2.500 metros de pelicula destinados ao contemplado. Houve o criterio plausivel de premiar um cineasta jovem, talentoso e de escassos recursos economicos. O vencedor foi um jovem norte-americano, residente em Paris, Robert Swaim que, em O Auto-retrato de um pornografo, fêz um filme inteligente e espirituoso contra a pornografia, apesar do titulo. Com efeito, de pornografia está o publico de cinema farto, principalmente por estes lados.